

IVALDO BERTAZZO, O MESTRE DO GESTO EXPRESSIVO: UM OLHAR PARA O CORPO E O MOVIMENTO NA EDUCAÇÃO

Adriana Andrade Alves¹

O corpo é um continente, para conhecê-lo é preciso aprender a vê-lo como tal, um continente a ser explorado, com sua história, suas dinâmicas internas, seus movimentos tectônicos, suas fronteiras e sua complexa organização, seu ecossistema e seu frágil e perseverante equilíbrio. Um continente que é água, ar, fogo e terra em comunhão, convidando-nos a uma intimidade mais concreta.

(Bertazzo, 2014, p.23)

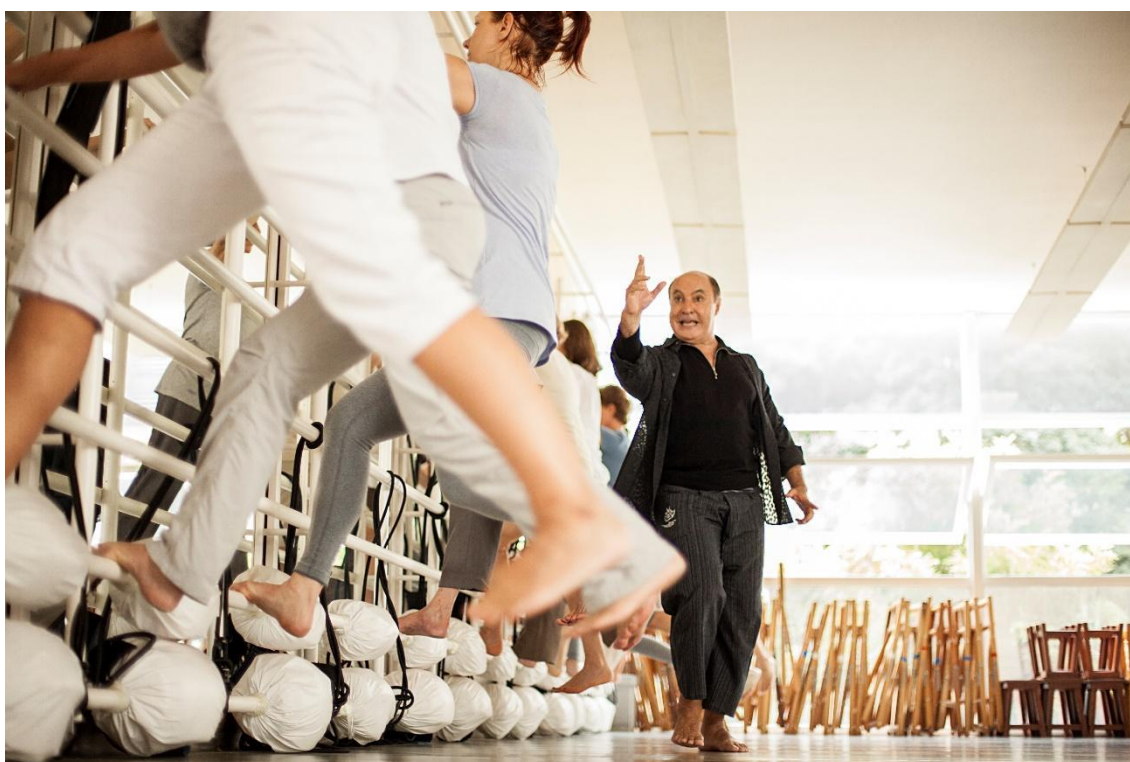


Foto: Kiko Ferrite

O estudo do corpo na educação, enquanto elemento básico da formação e transformação do sujeito, raramente atravessa os processos formativos - docentes e discentes - e isso reflete a persistência de um lugar de silenciamento do corpo no cenário educacional. Dessa maneira o corpo - contato primeiro e imediato do sujeito com o mundo - é gradativamente reduzido em

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Artes, Cultura e Linguagens da Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Educação Psicomotora. Professora do Colégio de Aplicação da UFRJ no Setor de Orientação Educacional. Pesquisadora no Grupo de Estudos em Psicomotricidade do Colégio Pedro II. Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: Adriana.aalves@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5518-2134>



seu potencial cognoscente de natureza sensório-perceptiva e condicionado a modos de ser e agir culturalmente legitimados, que distanciam os sujeitos da dimensão corporal própria, forjando uma compreensão de si e do mundo que advém de conhecimentos/informações constituídas de maneiras extrínsecas às sensações do corpo.

O corpo docilizado de Foucault (2009) é, ainda, uma realidade presente em muitas escolas brasileiras e isso reflete o quanto a educação precisa se movimentar nesse campo de discussão e ação. Atualmente já dispomos de estudos e práticas provenientes de diferentes áreas de conhecimento - arte, dança, teatro, antropologia, biologia, filosofia, medicina, multiculturalismo etc.- que vêm contribuindo para contrapor à visão mecanicista do corpo, que o formatou segundo uma economia produtivista, perspectivas outras que reorientam a compreensão do corpo a partir do protagonismo do mesmo nas interações com o mundo e na construção de realidades existenciais mais viáveis à vida humana e planetária.

Os estudos de Ivaldo Bertazzo acerca da reeducação do corpo aparecem como um campo de investigação e conhecimento importantes para mobilizar o olhar para o corpo dinâmico, vívido, sensível e cognoscente na educação. Ao longo dos seus mais de 30 anos de pesquisa e estudo, “uma vida inteira dedicada a isso” como o mestre sublinha, desenvolveu um sólido trabalho na educação do corpo e transformação do gesto a partir da investigação do funcionamento do aparelho locomotor e da biomecânica humana, que culminou na criação da Escola do Movimento em 1975 e no desenvolvimento do Método Bertazzo.

Bertazzo tem uma trajetória importante como bailarino e coreógrafo, sendo responsável por grandes produções no campo da dança, tanto com bailarinos profissionais como com cidadãos comuns. Cunhou o termo “cidadãos dançantes” para nomear pessoas que, sem distinção de idade e ocupação, podem dançar e fazer performance. Trata-se de uma democratização do uso dinâmico e poético do corpo. E assim, afirmando a significância e ampliando as possibilidades criativas da dimensão corporal na vida, seu trabalho perpassou diferentes campos como educação, esporte, dança e saúde, a partir de uma perspectiva de conhecimento que implica, nutre, sustenta e se desdobra do corpo.

Os anos de dedicação e experiências acumulados, tanto no Brasil e no exterior, levaram a criação do Método Bertazzo de reeducação do movimento que potencializa a percepção do próprio corpo e tem como efeito mudanças progressivas no campo sensorial e perceptivo. Tais mudanças alcançam os padrões motores e abrem a possibilidade de reconhecer suas fragilidades e fortalezas. O conhecimento de si assim constituído contribui para a autonomia, na medida em

que convoca o sujeito a identificar limites e potencialidades de ação, contribuindo para sua qualidade de vida.

A proposta de reeducação do movimento está apoiada nos conceitos de “fraternidade dos músculos” e “transformação dos gestos” que contemplam a ideia de que o corpo não é um fardo a ser carregado. Bertazzo (2014) sinaliza que no afã de sermos livres acabamos por desejar nos libertar do próprio corpo, criando um distanciamento ou uma negação do mesmo. Assim, os desequilíbrios mecânicos decorrentes das atividades do dia a dia que são geralmente vivenciadas de maneira automática e tornam-se referenciais de percepções errôneas que, em conjunto, dão origem às lesões musculares, articulares e limitações das dinâmicas motoras.

Bertazzo (2014, pág.234) aponta que ao longo da vida a apatia e o desinteresse do adulto pelo movimento se deve à pobreza dos estímulos aos quais estão expostos, em contrapartida propõe brincar com as possibilidades dos gestos, arriscar-se aos movimentos, permitir-se à desestabilidade da locomoção e ampliar o alcance das ações. Ademais, Bertazzo ressalta que tudo isso pode ser uma experiência prazerosa e transformadora. Seu compromisso em oferecer possibilidades de resgatar o entendimento de que o corpo é uma totalidade por meio de uma compreensão sensível que se dá a partir da experiência de tal totalidade, onde as suas partes estão conectadas em fina sintonia.

O que Bertazzo nos ensina é que este trabalho de organização motora do corpo humano tem início já na fase intrauterina e vai se desdobrando ao longo de toda a vida, uma vez que o ser humano está em constante transformação, impulsionado tanto por fatores internos quanto externos que o afetam a todo instante. Por isso a relevância da preocupação em preservar um bom funcionamento e desenvolvimento do corpo humano.

Cada vez mais o ambiente escolar é onde a criança e o jovem passam grande parte dos seus dias - a Educação Básica compulsória prevê 17 anos de escolaridade -, contudo o olhar para o corpo na educação escolar é ainda pouco problematizado ao longo desse percurso. A forte tendência a reproduzir um modelo convencional de organização espacial das salas de aula, repletas de mesas e carteiras enfileiradas, voltadas para uma frente única onde o professor é o foco, desvela a concepção de que o controle e a quietude do corpo são critérios para que haja ensino e aprendizagem.

A perpetuação desse formato reflete também a própria experiência escolar docente que, nos seus tempos de aluno, vivenciou essa mesma formatação que replica de maneira naturalizada, tornando-o signatário de uma lógica educacional de assujeitamento, uniformização e apaziguamento dos (sujeitos)corpos. Na contramão dessa perspectiva,

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 5, N.3- pág. 745-753 set-dez de 2019: “Educação: Corpo em movimento.” – DOI: 10.12957/riae.2019.46061

Bertazzo (2014) defende que o trabalho corporal é possibilidade para despertar e conectar o sujeito em sua integralidade ao momento presente e desenvolver a consciência sobre os fatores psicomotores que são essenciais para a manutenção de um bom equilíbrio dinâmico na vida. Isso indica a viabilidade de criar pedagogias outras, empáticas ao corpo, onde aprender/ensinar não prescindem dessa dimensão em sua essencialidade dinâmica.

No seu trabalho podemos observar exercícios que despertam a propriocepção, exterocepção e interocepção que, por meio de gestos dançados, provocam o resgate de sensações já esquecidas que levam a despertar ou a redescobrir a história inscrita nos nossos próprios corpos, bem como as ações subjetivas que daí se originam. Nesse rumo, é vivendo e querendo viver, que o corpo é naturalmente estimulado a explorar suas potencialidades motoras, transformando-se então em um verdadeiro laboratório de movimentos (BERTAZZO, 2015, p.25).

Com o objetivo de difundir seus conhecimentos acerca do estudo do corpo, Bertazzo discorre sobre seu método em três grandes obras - *Corpo Vivo*, *Cérebro Ativo* e *Gesto Orientado* - nas quais organiza e estrutura suas pesquisas, a partir de sete pilares fundantes: Percepção do corpo no espaço, Luta contra a gravidade, Geometria corporal, Encaixe articular, Transmissão de força, Torção e Funcionamento do corpo como unidade.

No primeiro livro, *Corpo Vivo*, apresenta informações basilares sobre o método a partir da organização e estímulo do sistema nervoso central e do despertar do corpo a fim de que funcione como uma caixa geradora de energia. Apresenta um conjunto de exercícios que fazem uso de objetos para ampliar e reformular as imagens internas formadoras dos movimentos, promover integridade corporal e saúde psicomotora.

O segundo livro, *Cérebro Ativo*, é uma continuação da primeira obra que apresenta uma visão mais clara acerca da individualidade dos corpos e abrange temas como equilíbrio, precisão, respiração e saúde da coluna vertebral. O conjunto de exercícios contido nessa obra, visa a criar a consciência do gesto automatizado e do gesto voluntário, explorando o estado de prontidão do corpo, quando é capaz de inventar novas conexões nervosas e ampliar o repertório neuromotor.

No terceiro livro, *Gesto Orientado*, busca compreender de que maneira o movimento se constitui, se desenvolve e se padroniza ao longo da vida do ser humano. Seu estudo é então balizado nas dimensões: estrutura e função, estática e dinâmica, forma e gesto. Estrutura, estática e forma correspondem a dimensões do corpo; já função, dinâmica e gesto são as dimensões do movimento.

Em 2018, lança sua mais nova obra, *Fases da Vida*, onde faz um mergulho em cada fase do desenvolvimento motor, que perpassa os ganhos nos primeiros anos da infância, as transformações na adolescência, a manutenção na vida adulta, até as perdas na retrogênese. Ressalta que o corpo é um somatório de nossa herança genética, bem como das experiências corporais, emocionais, sensoriais e cognitivas, que vão atuar diretamente na edificação do esquema corporal e estabelecer a relação do sujeito com seu corpo, registrando e construindo seu repertório motor ao longo da vida.

Ivaldo abre portas para pensarmos, experimentarmos e sermos corpo de uma forma lúdica e prazerosa, sem abrir mão da compreensão de sua complexidade e funcionamento. Foi com o intuito de conhecer mais de perto seu trabalho, que buscamos escutar o mestre com maior nível de detalhe e aprofundamento, falando sobre sua trajetória de pesquisa e sua visão acerca do trabalho corporal no campo da educação, por meio da entrevista que apresentamos a seguir.

A.A: Fale um pouco sobre os princípios e referências do Método Bertazzo.

I.B: Acho que uma das referências essenciais do método é de que forma o nosso cérebro lê, interpreta e realiza os movimentos. É muito complexo, pois temos trajetórias muito diferentes e pertencemos a diferentes núcleos familiares e culturais. O ser humano tem múltiplas formas de chegar e fazer uma síntese motora. Certamente, é mais complexo no seu histórico e na sua bagagem do que de uma outra espécie, como de um pássaro ou de um urso, que já está extremamente subordinada a um tipo de meio ambiente, a uma geografia e que tem suas limitações. Então a referência do método consiste em compreender de que forma o meu sistema nervoso central percebe o espaço, os objetos e de que modo o meu movimento se realiza. A grande batalha é descobrir de que forma cada aluno lê e interpreta um gesto e se isso tem um desvio muito profundo com a nossa psicomotricidade. Muitas vezes, os desvios são múltiplos, por acidentes na infância, pelo processo educacional e uma série de componentes que vão formando o universo psíquico. Logo é nesse sentido que as referências se apoiam.

A.A: Como você pensa, tem pensado, na propagação do trabalho corporal na educação básica e na formação de professores?

I.B: A nossa preocupação já, digamos, há umas três décadas, é como ajudar um professor de ensino formal, que tem compromissos muito vastos entre transitar sobre o ensino da língua portuguesa, matemática, geografia, história e também entre os cuidados do bem estar corporal dessa criança. É difícil exigir que um professor cumpra todas essas funções, então temos uma

preocupação com esse novo profissional que surge, o arte-educador, alguém que se especializa no conhecimento de como se forma a cognição e o processo intelectual de uma criança no seu seio afetivo e ensina-o a brincar, descobrir, criar e se interessar pelo mundo que o cerca. Conseqüentemente a estudar e se transformar em um sujeito profissionalmente e afetivamente bem realizado. A nossa preocupação hoje, é oferecer recursos a esse arte-educador, que poderá ajudar os nossos futuros adultos, hoje crianças e jovens, a se desenvolver. O nosso compromisso consiste em abrir um leque de conhecimentos sobre o desenvolvimento motor a esses profissionais.

A.A: Quais os maiores desafios e alcances que o trabalho corporal tem mostrado com crianças, jovens e adultos?

I.B: Uma das grandes preocupações sociais é como as futuras gerações vão sobreviver. Viver mais tempo, a longevidade, é delicada. Eu posso viver 100 anos, mas viver de forma pouco saudável e com muito sofrimento à medida em que eu fico idoso. Então a grande preocupação é a qualidade de vida, um termo bastante definido hoje em dia. Como que à medida em que eu vou envelhecendo, eu desenvolvo mais percepção e mais presença ao meu corpo. Isso é o bom e belo significado do envelhecimento. Sobreviver mais anos, as futuras gerações certamente vão conseguir. Porém com que qualidade de vida? Você hoje encontra pessoas com artrose, dificuldades respiratórias e insônia desde muito cedo. Então será que os nossos trabalhos corporais estão, efetivamente, ensinando as pessoas a usarem essa ferramenta que é o gesto, que é o movimento? Essa é a grande questão.

A.A: Fale um pouco sobre como surgiu o Mecenato e como tem sido pensado esse processo de formação oferecido a profissionais da educação?

I.B: O Mecenato surge desde que as leis de incentivo ficam mais acessíveis a chegar a patrocinadores que estão verdadeiramente preocupados com uma modificação social de qualidade e de bem estar do desenvolvimento. É muito interessante, pois a partir da lei é possível oferecer a formação aos profissionais que não terão recursos e nem tão pouco a suas instituições para arcar com a formação continuada. Nós já conseguimos, pela lei de mecenato, formar uns 900 profissionais vindos de todo Brasil, cerca de 130 por ano, o que é muito gratificante, já que a escola está localizada na grande São Paulo. É um privilégio muito grande receber profissionais do Brasil todo, o que nos ensina a entender as questões que envolvem um educador no Brasil. Muitas coisas se modificam, então, nós desenvolvemos um método onde

as ferramentas sejam construídas com recursos muito baratos, ou mesmo materiais do meio ambiente, como os bastões de bambu. O curso é oferecido gratuitamente, onde disponibilizamos materiais visuais e didáticos que podem auxiliar os educadores a trabalhar o corpo em diferentes faixas etárias. A adaptação que o educador faz na escola, com diferentes objetos, é uma das características importantes do método, que consiste em utilizar ferramentas simples e de baixo custo, que acelerem o rendimento corporal, cognitivo e intelectual das crianças e jovens.

A.A: O que acontece nas experiências culturais que vão bloqueando e dificultando o processo de sabedoria corporal, tão presente no princípio da vida humana? Como pensar, na educação, um caminho inverso a esse cenário?

I.B: É importante esclarecermos o que é movimento. Movimento é o ar que eu absorvo, metabolizo, expiro e alimento meu organismo. É o líquido que eu absorvo, processo e elimino, e a forma que eu metabolizo e construo vida, força e expressão. Então na educação é muito importante que as pessoas entendam que movimento é respiração, olhar, como eu observo os relevos, os volumes, a mobilidade de tudo que está à frente dos meus olhos. Movimento é audição, principalmente audição, pois é como eu organizo os ouvidos para o meu equilíbrio em pé. Movimento é manipulação, é como eu mexo nos diferentes objetos e transformo o meio ambiente a favor de um desenvolvimento motor. Movimento é fala, é canto, é principalmente diferentes formas de locomoção. Muito cedo as pessoas param de se pendurar, rastejar no chão, e isso não é normal. Aos 60 anos eu não ajoelho mais, eu não rastejo no chão com meu neto, eu não escalo alguma superfície mais íngreme. Isso é estranho em vista a tanta tecnologia que possuímos. Será que não é psíquico esse envelhecimento? Nós deveríamos então instituir na educação que as expressões e os comportamentos devem se manter jovens, sem dúvida, respeitando a limitação da performance mas com consciência e alegria!

A.A: Quais possibilidades de escuta e diálogo podem ser construídas a partir do trabalho corporal na educação?

I.B: É verdade que é muito recente, na trajetória da educação, o entendimento do que é o aparelho locomotor, o que é o gesto e a organização motora. Piaget deixou isso muito claro, sem organização motora, memória armazenada e de movimento eu não consigo me relacionar nem com o outro, nem com o meio ambiente e nem comigo mesmo internamente. O movimento organizado e estruturado, é uma ponte para eu me dirigir ao mundo que eu quero alcançar, as pessoas de quem eu quero me aproximar e ao meu universo interior que vai se desenvolvendo

e progredindo junto a isso. O movimento ajuda no desenvolvimento e no caminho de um ser mais pleno espiritualmente e psiquicamente. Ensinar o gesto para que esse corpo acompanhe as diferentes etapas da vida, isso é complexo mas completamente necessário

A.A: Como você percebe o processo de consciência do corpo e do movimento na educação e os possíveis alcances que o trabalho corporal é capaz de atingir? O que diria para os educadores?

I.B: Algo que acentuamos bastante é a famosa passagem do estado lúdico que o corpo deve conquistar entre os três até seis anos de idade: rolar no chão, se pendurar, se arrastar, fazer uma série de livres expressões corporais no espaço. É nesse momento que você vai organizar o processo da escuta de uma interpretação interior para transformá-la em palavras faladas e escritas. A alfabetização é uma grande passagem no processo de evolução e muitos entraves ficam incrustados, marcados nessa pessoa pelas suas frustrações, medos, incapacidades e às vezes pouca ajuda para que ela ultrapasse essa fase se alfabetizando dentro de um amplo universo. Não é fácil transformar a palavra - isso que eu escuto - em escrita, pensamento e ideia e, depois, transformar isso num discurso. Isso é uma das grandes preocupações do método. Fazer uma criança se sentar para começar a ouvir um professor e escrever, necessita de uma boa postura e de um conforto articular e motor que lhe permitam ficar na posição sentada. Sentar para escutar, escrever e pensar, é uma meditação. De que forma nossa cultura está ensinando um jovem a meditar, a respirar, a perceber as nuances do meio ambiente? Parece que não caminhamos nessa direção, indo na profundidade do ser. Acabamos excitando, mais do que devido, um jovem, achando que isso vai levá-lo à relação com o mundo, deixando-o extrovertido e estereotipado, com pouca viagem para dentro de si. Uma das nossas grandes metas é transformar o processo educativo, e levar uma criança a quase virar um artesão, que constrói objetos, que escuta, que toca instrumento, que canta, que tem o prazer de caminhar na natureza, de aprender a cozinhar, aprender a arrumar com higiene a sua casa. Isso não seria uma grande modificação na nossa sociedade? Então, o trabalho corporal tem que se aproximar desses valores igualmente.

REPENSAR PRÁTICAS

Ivaldo Bertazzo nos convida a dialogar com as diferentes vozes sobre as possibilidades de provocar corpos mais conscientes de suas potencialidades e fragilidades em um processo de

Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 5, N.3- pág. 745-753 set-dez de 2019: "Educação: Corpo em movimento." – DOI: 10.12957/riae.2019.46061

(re)conectividade com eles próprios, com outros sujeitos e com o ambiente em que atuam. O debate é de extrema relevância para pensar o corpo na escola, questionando esse lugar e considerando que a lógica cartesiana ainda prevalece nesses ambientes e afasta o sujeito do lugar da experiência. Os conflitos, a resistência e o fracasso no alcance dos objetivos curriculares pré-estabelecidos denunciam a urgência de rever as relações entre corpo e aprendizagem. O que nos convoca a buscar novas formas de nos relacionar e de agir no processo educacional, desafiando os educadores a repensarem suas experiências e práticas pedagógicas, rompendo com a falsa ideia de que reprimir é educar.

REFERÊNCIAS

BERTAZZO, Ivaldo. **Fases da vida: da gestação à puberdade**. 1 ed. São Paulo: Edições SESC SP, 2018. 224p.

BERTAZZO, Ivaldo. **Gesto Orientado: Reeducação do Movimento**. 1 ed. São Paulo: Edições SESC SP, 2014. 384p.

BERTAZZO, Ivaldo. **Cérebro Ativo: Reeducação do Movimento**. 1 ed. São Paulo: Edições SESC SP, 2012. 272p.

BERTAZZO, Ivaldo. **Corpo Vivo: Reeducação do Movimento**. 1 ed. São Paulo: Edições SESC SP, 2010. 256p.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. 36ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.